

## Entrevista com Patrick Tacussel

*Entrevista concedida à Prof. Dra. Sandra Portella Montardo, professora do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Feevale e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura na mesma instituição.*

Patrick Tacussel é professor na Université Paul Valéry, Montpellier III. Licenciado em Filosofia e doutor em Sociologia, Tacussel atualmente dirige o Instituto de Pesquisas Sociológicas e Antropológicas (IRSA), do Centro de Estudos sobre o Imaginário, sendo ainda o responsável científico pelo curso de Doutorado em Sociologia da mesma instituição.

Entre seus livros, destacam-se *L'Attraction Sociale, La dynamique de l'Imaginaire dans la société monocéphale* (1984), *Mythologie des formes sociales. Balzac et les Saint-Simoniens ou le destin de la modernité* (1995) e *Charles Fourier, Le Jeu des Passions. Actualité d'une pensée utopique* (2000).

Patrick Tacussel esteve em Porto Alegre, a convite do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS, para palestrar no VIII Seminário Internacional de Comunicação, em novembro de 2005. Em sua conferência, Tacussel abordou o Imaginário Social, Valores e Representações Coletivas na Civilização Pós-Industrial. Nesta entrevista, Tacussel fala sobre imaginário e, especificamente, sobre a importância do papel da imagem para o complexo exercício de compreensão do mundo contemporâneo.

**SANDRA MONTARDO** *Em sua conferência, no VIII Seminário Internacional de Comunicação, o senhor disse que o imaginário moderno era racional, ainda que houvesse muitos elementos irracionais aí compreendidos. Diante disso, pode-se dizer que a pós-modernidade é irracional?*

**PATRICK TACUSSEL** Não, a pós-modernidade não é irracional. Há em toda forma de imaginário uma combinação de diferentes elementos que conferem isso ao que se chama racionalidade e ao que se chama, erroneamente, a irracionalidade. Por exemplo, um certo número de crenças, um certo número de idéias, podem parecer ser, de um determinado ponto de vista, irracionais, enquanto são perfeitamente racionais.

Minha idéia é que, em definitivo, há, para ser mais preciso, elementos que não são racionalizados de um ponto de vista científico, tecnológico, mas que têm uma racionalidade de um ponto de vista simbólico, por exemplo. Se alguém se interessa pelas ciências exatas, vai utilizar palavras que não são sempre palavras científicas. Por exemplo, referir-se a uma certa doença com a palavra "rede", que é uma palavra médica. Mas, nas ciências humanas, nosso lugar, observa-se que se utiliza também palavras como "clima" social, "atmosfera" da socieda-

de, "pressão" social, palavras que vêm da meteorologia.

O que eu quero dizer é que, por trás disso que nós pensamos ser, por vezes, racional, ou que nós cremos que não o seja, há também um ponto de vista que passa pela linguagem e que obedece, efetivamente, a uma irracionalidade simbólica já que a linguagem é um meio simbólico de comunicação.

**MONTARDO** *O senhor escreveu muitos artigos sobre o papel da imagem como forma simbólica capital da vida social. Qual é a sua definição de imagem?*

**TACUSSEL** Eu tenho uma definição bem simples. Eu creio que a imagem é, antes de tudo, uma produção icônica. Quer dizer, é alguma coisa que remete a uma representação. Uma representação de alguma coisa que existe, pode-se dizer, a imagem de uma cadeira, mas, às vezes, o que é mais interessante, representação de coisas que não podem ser tocadas. Por exemplo, se você diz "a imagem da felicidade" (para mim, felicidade é isto, para você, é outra coisa), "a imagem do medo", de alguma coisa que não é palpável. Então, há, a grosso modo, dois tipos de imagens: imagens que são a cópia do reflexo do que nós vemos e, muito mais interessante, aquelas que através das representações do nosso mundo, remetem a coisas que nos são dificilmente acessíveis pelo sentido, pela vista, etc. Por exemplo, a imagem da morte, a imagem do amor, imagem da felicidade ou, para tomar o caso das ideologias, a imagem no marxismo, da revolução. Imaginário, de qualquer sorte, é a associação coerente de um certo número de imagens associadas a valores, a normas e, às vezes, a instituições. Se você diz, ao menos na França, "esta escola tem uma boa imagem", quer dizer que se envia uma qualidade supostamente associada a uma instituição ao fato de que sua imagem lhe corresponderia. Então, veja que a palavra imagem encerra alguma coisa que vai além do que é apresentado, representado.

**MONTARDO** *Há diferença entre o papel desempenhado pela imagem no imaginário moderno e no imaginário pós-moderno?*

**TACUSSEL** Sim, eu creio que o imaginário moderno, como eu disse no início dessa entrevista, é um imaginário baseado na razão e no progresso. Pensava-se que o desenvolvimento da ciência, da indústria, da tecnologia, ia criar tanta riqueza a tal ponto que os problemas sociais, a miséria, desapareceriam.

Eu poderia evocar autores que são importantes no Brasil, como August Comte, por exemplo, que é um pensador exemplar da modernidade, que acre-

ditava que a ciência e a indústria iriam desenvolver prodigiosamente a economia mercantil ao ponto que a guerra desapareceria, diria ele dela mesma. Você vê que isso foi um engano.

O imaginário da modernidade é um imaginário profético e é por isso que é um imaginário, baseado na crença de que o progresso humano e moral condicionado pela ciência e pela técnica. É este o imaginário moderno.

Você encontra variantes disso em todas as ideologias. Você encontra essas idéias tanto em Comte, que é um conservador, como em Marx, que é um revolucionário. Você encontra essa idéia em Tocqueville, que foi um grande pensador democrata, da democracia, e também em outros autores.

Essas idéias são muito antigas. Tocqueville, mais antigo que Marx, pensa que as privações humanas não desaparecerão com o progresso, a democracia, a ciência, etc. Mas ele também constata que o desenvolvimento do progresso é alguma coisa de inevitável, que vai empreender, sem dúvida, grandes modificações. E lembre-se que Tocqueville dá como exemplo o fato de que certas populações, como os índios americanos, estão condenadas a desaparecer como cultura. Isso é o progresso. Foi uma visão única da evolução de todo o planeta.

Pode-se dizer que no imaginário moderno o papel da imagem é de veicular esses valores de progresso, da ciência, da indústria, compreendendo aí coisas concretas, ainda que se possa falar em uma religião do progresso por um certo lado.

Na pós-modernidade, imagem não é mais associada à ideologia profética historicamente. Hoje em dia, eu não conheço nenhum autor sério que explica os estados das sociedades futuras. No século XIX e início do século XX, havia autores, que eu evoquei há pouco, que foram verdadeiros pregadores políticos e sociais e que tiveram influência. Marx teve uma influência extraordinária. Observe o desenvolvimento, não simplesmente a revolução do partido comunista no mundo inteiro. Eram ideologias associadas a imaginários que atravessaram todo o planeta, na qual as pessoas acreditavam. Elas acreditavam nessas ideologias, senão não teriam feito todos esses sacrifícios, essas lutas, etc. E poderiam crer que projetavam o futuro, no sentido de deixar para os seus filhos um mundo melhor.

Ao contrário, para aqueles que estão na pós-modernidade, a projeção assegurada do futuro não funciona mais. Não há mais hoje coisas que nós poderíamos predizer, adivinhar, etc. Há dez anos, você iria imaginar que os terroristas com dois aviões iriam derrubar as torres de World Trade Center? Não, ninguém iria pensar uma coisa parecida, a não ser em filmes de ficção científica. Mas o que eu quero dizer com isso é que a evolução política do mundo não pode ser pensada como, por exemplo, os autores do século XIX acreditavam.

Então, as imagens da pós-modernidade são ima-

gens que acentuam, como mostrou Maffesoli, os valores do presente. Indiscutivelmente, o sujeito pós-moderno, conforme Lipovetsky mostrou na sua palestra, são pessoas que estão preocupadas com a sua aparência, com seu corpo, com seu cotidiano, com o meio ambiente, e que se colocam a ter preocupações plenamente pé no chão. E esta é a razão pela qual as imagens publicitárias, ou que são difundidas por um filme, nos romances, etc., remetem a um imaginário em que se trata de insistir no presente, para o melhor e para o pior, porque há também imagens catastróficas. Há imagens que acentuam, no cinema, catástrofes, monstros que voltam. Mas você pode observar Harry Potter, entre outros, como se tivéssemos a necessidade de voltar a um mundo encantando além da infância. Porque há sempre um retorno à infância, o que acontece hoje com os adultos.

**MONTARDO** *De que maneiras os meios de comunicação e as novas tecnologias de comunicação colaboraram para a formação do imaginário pós-moderno?*

**TACUSSEL** Isso é uma coisa que você conhece melhor do que eu. Eu acredito que os meios de comunicação permitiram muitas coisas. Eles permitiram abolir as distâncias objetivas. Houve uma época em que era preciso pegar um trem para fazer uma grande viagem, para telefonar a alguém era necessário entrar em sua casa ou ir a algum lugar. Hoje, com o celular você pode ligar de onde quiser. Com a internet, posso ver um e-mail enviado da França no Brasil no minuto seguinte.

Pode-se dizer que a pós-modernidade tecnológica introduziu uma nova relação entre o tempo e o espaço, que é o tempo presente, ou mesmo a simultaneidade. E, pelo mesmo motivo, quando se vai a alguma parte, a outro canto do mundo, nós sabemos imediatamente. Uma catástrofe nos Estados Unidos, nós saberemos no mesmo dia. Ontem à noite mesmo, em Paris, foram incendiados 1.300 carros e eu fiquei sabendo disto nesta manhã, às 8 horas. Note que há um século, para uma notícia ser conhecida no Brasil, vinda da Europa, era preciso muitos dias até chegar a Porto Alegre.

Então, nós vivemos o tempo presente no mundo. Por toda a parte, há pessoas com meios muito performantes nas suas casas. Todo mundo pode acessar esse tipo de imagem. Dito de outra forma, as imagens do mundo desfilam em frente de nossos olhos e nós estamos, de qualquer jeito, quase habituados a isso. Mas o problema é que se acaba conhecendo melhor as imagens do Iraque do que acontece na nossa rua. Acaba-se por melhor conhecer a periferia de Bagdá com os tanques americanos do que um certo bairro de sua cidade. Por exemplo, eu assisti televisão aqui no Brasil e identifiquei a Xuxa. Mas se você me perguntasse quem é o senhor que mora no fim da rua eu te diria que não sei.

Dito de outra forma, produz-se alguma coisa bas-

tante estranha. As relações entre os indivíduos, e isso é muito simmeliano, as pessoas se conhecem sem se encontrar e se encontram, às vezes, sem se conhecer. No amor, infelizmente, isso dá um mal resultado, como sabemos. Mas as novas tecnologias fazem com que hoje, na internet, você possa pedir para encontrar alguém alto, que não fume, com olhos azuis. Há sites inteiros em que se pode, até mesmo, dizer sua nacionalidade, sua idade, interesses, que goste de músicas. Tem-se uma lista inacreditável. Essas são coisas que pertenciam, antes, à imaginação de autores de ficção científica, mas que hoje é perfeitamente possível.

**MONTARDO** *No seu texto publicado na Revista Famecos, "A sociologia interpretativa. Uma virada pós-empirista nas ciências humanas na França", o senhor identificou que a prova através da pesquisa sociográfica deixa de ser um objeto essencial à pesquisa sociológica quando o sentido vivido nas relações intersubjetivas tomam lugar. Nesse caso, o quadro interpretativo é a fenomenologia e a hermenêutica. Frente a isso, pode-se dizer que é impossível buscar o imaginário social a partir de uma proposta empírica?*

**TACUSSEL** É possível, talvez eu tenha me expressado mal. Eu disse que a pesquisa sociográfica é só um aspecto, é só o começo de alguma coisa. É claro que isso inquieta. Todos os objetos do imaginário social não são objetos abstratos. Se eu falo da publicidade, é algo que é concreto. Se eu falo de rumores, coisas que se contam que não se sabe se são verdadeiras ou falsas, isso têm uma influência considerável. Na vida política, sabe-se que o que se diz pode gerar acontecimentos. Então, há inúmeros objetos que emergem do imaginário social cujo conhecimento inquietam. Há rumores de pânico na Bolsa que podem levar empresas à falência se todos abrirem mão de suas ações. Houve o rumor financeiro. Max Weber estudou esse fenômeno de pânico na Bolsa em que tomou por base informações falsas que as pessoas julgaram serem verdadeiras.

Há um imaginário que funciona muito bem atualmente, pelo menos na França, não sei se no Brasil, mas há muitos livros, pessoas que dizem que a televisão mente sobre informações importantes. Mas, algumas vezes, ela diz coisas inacreditáveis. Eu tomo por exemplo pessoas que não são críveis. Mas, algumas vezes, há rumores que são muito mais críveis e que não se pode verificar. Diz-se, por exemplo, que houve tantos milhões de mortos em Nova Orleans. E alguns dizem que houve muito mais, que se esconde a verdade.

Poder-se-ia dizer que, por um certo lado, o que é interessante na questão do imaginário pós-moderno é que a distinção entre o verdadeiro e o falso não é tão forte quanto nós poderíamos imaginar, apesar dos meios de comunicação e de verificação que nós temos.

Você não pode medir com certeza quantos soldados norte-americanos foram mortos no Iraque. O exército norte-americano diz que se passou da base de dois mil. Mas os norte-americanos não pensam que isto seja verdadeiro. E há autores americanos que explicam em livros que o Pentágono mente.

Você tem igualmente toda uma série de informações que encadeiam coisas, reflexos de comportamento, que se pode supor, que é impossível com a nossa educação, nossa informação.

Na França, houve uma informação sobre a gripe aviária. Houve informações transmitidas pela rádio e pela televisão que eram do imaginário. Pessoas compararam a gripe aviária com uma que aconteceu em 1910, que foi a gripe espanhola. E as pessoas foram às farmácias na França comprar medicamentos que não serviram em nada contra a gripe aviária porque é a gripe das aves. E, durante dois dias, ouvia-se falar em proposições contraditórias. Alguns diziam que aconteceria milhares de mortes. Agora, falam que é dificilmente transmissível, que o vírus morre quando a carne é cozida.

A partir daí, coisas que poderiam ser verificadas, desmentidas, continuaram. Quanto ao imaginário, eu diria que as pessoas têm uma necessidade de acreditar em coisas excepcionais, inverossímeis, têm necessidade de sonhar e de sentir medo. E os meios tecnológicos dos quais nós dispomos, ao invés de controlar essa situação, amplificam-na.

**MONTARDO** *Na sua opinião, qual é o método mais indicado para fazer uma pesquisa sobre o cinema, a publicidade, a imprensa e a internet, objetos de estudos muito importantes para entender a sociedade contemporânea?*

**TACUSSEL** Eu penso que todos os métodos são bons desde que usados com inteligência. E todos os bons métodos podem se tornar maus se forem mal-usados. Eu acredito que é preciso fazer estudos quantitativos, saber o número de pessoas que assistem a certos programas, isso pode ser interessante para o marketing. Ontem à noite, eu vi bem que, no Brasil, as telenovelas são assistidas por um grande número de pessoas. Saber quantos milhões de pessoas assistem, para mais ou para menos, só pode interessar para o produtor. Para o sociólogo não é nada além de um certo número. E, finalmente, um fenômeno bem restrito, que concerne a poucas pessoas, pode ser muito importante, ter uma importância capital.

Eu não acredito que o tamanho quantitativo, que a importância quantitativa de um público ou de um objeto, seja forçosamente alguma coisa de importante para a sociologia. Então, o método que acho mais interessante é um método que consistiria em compreender o sentido cultural das imagens, dos objetos que ela manipula, não simplesmente do ponto de vista da produção mas, igualmente, do ponto de vista de sua recepção, porque somos nós que colocamos o sentido sobre as coisas que nos são propostas.

Quer dizer que eu sou persuadido pelo mesmo capítulo de telenovela, por exemplo, visto por você, que tem cultura, educação, que está apta a comparar; outras pessoas dão um sentido bem diferente de você, porque elas não têm a mesma cultura, a mesma idade, etc. Você sabe que se colocar uma criança em frente à televisão, diante de imagens de guerra, isso vai lhe causar medo. Ao contrário, se for um monstro horrível num filme ou uma bruxa abominável, que não existem na realidade, isso pode causar pesadelos. Eu tenho um filho de seis anos que vê as imagens de guerra no Iraque e não fica, particularmente, assustado porque aquilo, felizmente, não está acontecendo perto de nós. Por outro lado, se você assistir a um filme com alguém que se transforma em monstro será diferente.

O sentido da imagem se dá em função da idade, igualmente, do nível cultural e isso pode ser verificado empiricamente, talvez em função do sexo, pois uma mulher não confere o mesmo sentido a uma imagem do que um homem.

Eu penso que há três elementos. O sentido da imagem, do meu ponto de vista, passa por esses três elementos: a idade, o nível cultural e o sexo. Um exemplo, em relação ao nível cultural associado à imagem, são que pessoas que têm a mesma idade e o mesmo tipo de educação vão evidentemente ter as mesmas imagens musicais, o mesmo gosto musical, diferentemente de outras que não têm o mesmo nível. Você vê, na França, acontece esse tipo de coisa. Mas na maneira de se vestir também, sabe-se muito bem que não é uma questão de dinheiro. É, também, uma questão de cultura de geração.

A partir disso, digo que o bom método é ver como uma produção também dá sentido às imagens que são de fato produzidas pelos outros. Enfim, um método hermenêutico da recepção ou uma hermenêutica da produção de sentido.

**MONTARDO** Em seu texto, *“Imaginário e Estética Social: proximidade epistemológica”* o senhor fala da habilitação epistemológica da figura. Quais são os pensadores e as obras-chave dessa mudança epistemológica?

**TACUSSEL** Eu diria, como autores clássicos, Max Weber e Georg Simmel. Simmel através da noção de forma, mas também de figura. E Weber com essa idéia de tipo ideal, através do qual ele explica como se pode ter comportamentos, uma estrutura complexa a uma espécie de imagem através da qual se apropria o sentido que ela veicula.

O exemplo que Weber dá é interessante. Ele diz que, no caso de se querer compreender o comportamento de Júlio Cesar, o general romano, é preciso saber que, na época, no exército, havia mágicos que se iluminavam sobre o sentido de batalhas. É preciso saber que eles tinham uma religião politeísta. A partir disso, é possível tentar se projetar no comportamento, veja, pela empatia. Da mesma maneira, ele

tão bem compreendeu o comportamento dos banqueiros protestantes, de empresários protestantes, unicamente, se pondo em seu lugar, vendo como eles reagiriam aos acontecimentos.

Então, é um método imaginativo. O imaginário é também uma imaginação científica. Até mesmo nas ciências exatas, quando se faz modelos de simulação para ver se alguma coisa é possível. É, no começo, uma projeção da imaginação científica. Como foi dito, houve dois autores que bem pensaram sobre isso. Para a sociologia, eu diria Weber e Simmel.

Para a epistemologia, eu diria Gaston Bachelard, que escreveu um livro sobre a imaginação científica. Mas ele também escreveu um livro sobre o símbolo da água, sobre o símbolo do fogo, etc.

E, evidentemente, eu citaria meu mestre, Gilbert Durand, que fez uma vasta antropologia do imaginário, tentando pôr em relação todas essas figuras, umas em relação às outras. Ele mostraria como, finalmente, nosso consciente e nosso inconsciente são estruturados em relação a imagens-tipo. Por exemplo, imagens da clareza, imagens da sombra e, depois, alguns símbolos um pouco complicados.

Há um belo texto que eu assinalo sobre o elo entre a noção do figurativo e da sociologia: é um texto de Simmel sobre o rosto. Neste, Simmel faz uma sociologia do rosto, do olhar, das relações face-a-face, da maneira como falamos, de como o rosto exprime uma mudança intelectual, simpatia, etc. Mas, imagine que você esteja frente-a-frente com alguém que foi desagradável com você, você não vai olhá-lo da mesma maneira, o rosto exprime a cólera, o incômodo, etc. Então, em definitivo, de acordo com Simmel, nosso rosto traduz coisas. Acho que é preciso introduzir na sociologia a noção de sensibilidade, de sensualidade, porque a nossa vida é igualmente feita dessas coisas. Quase 80% das informações que são fornecidas por nós, são dadas pelos nossos olhos, pela maneira de nos sentarmos, etc.

**MONTARDO** Há alguma influência da obra de Georg Simmel em seu livro *“A mitologia das formas”*?

**TACUSSEL** Plenamente, porque o título já é *“A mitologia das formas”* e houve uma referência à Simmel. Eu penso que, efetivamente, a noção de forma social é fundamental porque permite abordar conteúdos culturais sem reduzi-los ao que eles são no momento dado. Poderia tomar como exemplo a magia. Weber, e também Simmel, o tomaram, e isso é irracional mesmo para alguém que viveu na época da Idade Média europeia ou em outra época, é uma irracionalidade entre outras. Então, o profeta político do qual fala Max Weber foi um personagem que pode parecer irracional atualmente mas, como eu dizia na minha conferência, na Alemanha dos anos 1930, Hitler chegou ao poder sob a base de um verdadeiro profetismo político, de um poder carismático. Então, por que *“Mitologia das formas soci-*



ais"? Porque eu tentei mostrar que por trás de todas essas formas sociais havia estruturas do imaginário. E eu mostrei passando por escritores como Balzac. Todos os personagens da Comédia Humana de Balzac são a expressão dos tipos sociais característicos de sua época. Mas pode-se encontrar, sem dúvida, no cinema de hoje, na literatura de hoje, ou em todas as produções culturais, essa forma de tipicidade que faz com que, enfim, nós encontremos o sentido nesses personagens que são inventados. Mas é preciso notar que eles são a realidade, senão ninguém leria os livros, ou não compreenderiam nada. Ao ler os livros de Balzac hoje, compreende-se um pouco o que foi a sociedade francesa do século XIX, a relação entre a doméstica e os patrões, você compreende qual era a relação entre o exército e o poder, a relação com o dinheiro que existia na época, etc. Então, finalmente, eu tentei mostrar que essas formas sociais têm um tipo de tipicidade porque remetem a uma mitologia que governou uma época. É isso que Simmel chama de Deus escondido de uma época, cada época tem seu Deus escondido.

**MONTARDO** *O pensamento de Michel Maffesoli é bem conhecido entre os pesquisadores brasileiros que trabalham sobre a comunicação. Como o senhor analisa esta influência?*

**TACUSSEL** Bem, eu penso, antes de tudo, que é uma tendência que se explica muito bem devido ao fato de que é um pensamento que ultrapassa o quadro francês. Ele é capaz de ir longe e de compreender formas sociais tão bem no Brasil quanto no Japão, etc. É a capacidade de ver, de sentir, até, fenômenos que têm uma forma planetária. E eu creio que há umas duas ou três coisas que ele apreendeu do Brasil e que aí rendeu ao Brasil sob a forma desse livro.

Há já uma reflexão avançada sobre a sensibilidade, o corpo, etc. e eu penso que o Brasil é uma confirmação para o culto do esporte, de coisas que na França existem, mas muito menos. Por exemplo, a cirurgia estética. Aqui ela é bem importante, mas na França já começa a se desenvolver. Antes eram reservadas para pessoas que eram ricas e que, sobretudo, estavam doentes. Agora, você tem pessoas modestas na França que economizam para fazer plástica no nariz, nos seios, etc.

Eu creio que Michel Maffesoli prestou atenção a várias coisas aqui, ele atraiu a atenção de pesquisadores europeus sobre o fato de que nós iríamos um dia viver coisas que se passam por aqui. E, de um outro lado, eu creio que ele traduziu muito bem o que ele sentia no Brasil com relação ao fenômeno da comunicação, de forma que há uma espécie de encontro entre um homem e um país, que não é o seu, o Brasil, e ele tentou achar a palavra que é a sua. Sua obra foi traduzida em diversos países, não teve dificuldade particular ou técnica. Ele tem um pensamento que se adapta à expressão coletiva e intersub-

jetiva esse tipo de coisa que se vive aqui no Brasil, eu acho que é isso.

Outra coisa também, talvez, eu acredito que ele percebeu muito bem o papel que pode ter as tecnologias da imagem na comunicação e seu formidável desenvolvimento na escala de um ou outro país. Porque a escala de um pequeno país, que tem bons meios de comunicação, papel das tecnologias de comunicação, não é impressionante, mas a escala de um país grande, isso sim é absoluto.

**MONTARDO** *Pode-se dizer que a internet é muito importante como espaço de socialização na sociedade contemporânea. As pessoas conversam umas com as outras pela internet, através de e-mails, nos chats de conversação, pelos weblogs. Para o senhor, quais são os autores mais importantes sobre esse assunto?*

**TACUSSEL** Bom, eu creio que não tenho muitos nomes a lhe dar. Eu sei que Manuel Castells escreveu um livro de mais de um volume sobre a Internet. Eu penso que depois houve outro tipo de reflexão que foi feita nesse domínio, com Jean Baudrillard, me parece que é alguém que tem uma reflexão inteligente. Podemos voltar a Michel Maffesoli, de quem já foi falado. O que me parece interessante no caso da internet é que é efetivamente um grande fator de socialização.

O que é surpreendente em tudo isso é saber que eu posso enviar um e-mail ou uma fotografia da minha casa que em três minutos meus amigos poderão receber. Veja que isso é o caso de alguma coisa de surpreendente.

Então, isso, mais uma vez, abole as distâncias. Isso socializa? Socializa quem têm vontade de se socializar através desses meios. Você sabe que na Internet, com seus jogos, há pessoas que se dessocializam porque elas vão para um mundo virtual e não querem voltar para o mundo real.

Nós temos um problema na França. Os adolescentes, por exemplo, que ficam todo o dia jogando. Eles comem enquanto jogam, etc. Vão ao hospital porque tiveram problemas. Isso é um fenômeno bem interessante. A diferença entre o real e o virtual tende a desaparecer para certas pessoas. Um pouco como as drogas, isso pode se tornar patológico.

Eu creio que a Internet, a força da Internet é, mais uma vez, o uso. Com um uso inteligente, pode-se encontrar pessoas na Internet, isso pode ser interessante se controlamos o que fizermos. Considere que isso é um meio, senão isso pode se tornar uma espécie de droga.

Não se pode esquecer que a internet, como o telefone e a televisão, é um meio que deve ser usado de maneira inteligente ou que pode se tornar alguma coisa de muito patológico. ■FAMECOS